

MODA TUCUJU: DESIGN À SUSTENTABILIDADE E EXPRESSÃO CULTURAL

TUCUJU FASHION: DESIGN FOR SUSTAINABILITY AND CULTURAL EXPRESSION

Emily Camila de Oliveira Lopes¹; Loyani Pinheiro Barata²; Cristian Cipriani³;

Resumo: Este texto tem como objetivo apresentar peças sustentáveis que reflitam a cultura Tucuju. O termo "tucuju", de origem tupi-guarani, significa "aquele que voa" e está associado aos povos indígenas que habitavam as regiões do Amapá, incluindo localidades como Vitória do Jari e Macapá, além de Gurupá, no Pará. Para atender a essa proposta, a metodologia utilizada está ancorada na proposta de Lobach interseccionada com a autobiografia das autoras. Assim, se inicia o texto discutindo a amplitude do conceito de moda, bem como as premissas da moda sustentável e da Moda Amazônica. Em seguida, são abordadas as referências conceituais para a produção das peças da coleção "Marabaixo", que interseccionam moda, cultura amazônica e sustentabilidade. Por fim, são apresentadas as peças que compõem a coleção, a saber: Maresia, Açucena e Araguari.

Palavras-chave: Moda; Moda Amazônica; Tucuju; Marabaixo.

Abstract: This paper aims to present sustainable garments that reflect Tucuju culture. The term "tucuju," of Tupi-Guarani origin, translates to "the one who flies" and is associated with the Indigenous peoples of the Amapá region, including areas such as Vitória do Jari, Macapá, and Gurupá in Pará. The methodology employed is based on Lobach's framework, integrated with the autobiographical perspectives of the authors. The text begins by exploring the broad concept of fashion, alongside the principles of sustainable fashion and Amazonian fashion. It then examines the conceptual references that informed the creation of the pieces in the "Marabaixo" collection, which interweave fashion, Amazonian culture, and sustainability. Finally, the paper presents the garments comprising the collection: Maresia, Açucena, and Araguari.

Keywords: Fashion; Amazonian Fashion; Tucuju; Marabaixo.

Data de submissão: 14 de outubro de 2024

Data de aprovação: 01 de novembro de 2024

1 INTRODUÇÃO

A moda, comumente associada a elementos efêmeros e superficiais, revela, em uma análise mais profunda, uma importante conexão com as estruturas socioeconômicas e culturais de uma sociedade. Na visão apresentada nestes escritos, a moda, longe de ser meramente uma prática consumista, reflete dinâmicas sociais, identidades coletivas e valores culturais. Neste sentido, a Moda Amazônica, especificamente aquela que emerge das

¹ Bolsista de iniciação científica do CNPq. Discente do curso técnico integrado em Publicidade do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá. E-mail: olivercamii7@gmail.com.

² Bolsista de iniciação científica PIBITI-EM(LOA) IFAP. Discente do curso técnico integrado em Publicidade do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá. E-mail: loyanipbl@gmail.com.

³ Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda. Licenciado em Filosofia. Pós-doutorando em Educação na Unioeste-PR. Professor efetivo da área de Comunicação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá. E-mail: cristian.cipriani@ifap.edu.br

tradições indígenas e afrodescendentes, como a cultura Tucuju, representa não apenas uma expressão estética, mas uma manifestação de resistência e afirmação identitária.

Este estudo tem como objetivo apresentar a coleção Marabaixo, a qual se inspira nas tradições culturais do povo Tucuju, habitantes da região do Amapá. A coleção faz referência ao Marabaixo, uma manifestação cultural indígena e afrodescendente que engloba música, dança e vestuário, expressando a resistência histórica e a identidade cultural da população ancestral do Amapá. Paralelamente, a coleção também se fundamenta nos princípios da moda sustentável, utilizando materiais biodegradáveis e técnicas artesanais que respeitam tanto o meio ambiente quanto às práticas tradicionais locais.

Ao incorporar elementos da fauna e flora amazônicas, como penas, biojóias e fibras naturais, a moda Tucuju, proposta nesta coleção, transcende o caráter estético, ao aliar-se a uma perspectiva sustentável que busca minimizar os impactos ambientais. Assim, este trabalho pretende discutir a interseção entre moda, sustentabilidade e cultura, demonstrando a importância de práticas projetuais que valorizam tanto a preservação ambiental quanto a memória cultural. Tal abordagem se revela especialmente pertinente no contexto contemporâneo, marcado por crises ambientais e a urgência da valorização das culturas ancestrais, bem como pelo aprendizado de suas técnicas ancestrais.

2. FUNDAMENTOS DA MODA

Muitas vezes adotada como sinônimo de futilidade, a moda é tomada, na imediatez do termo, como uma peça qualquer do vestuário criado para aquele ano. A premissa da superficialidade emerge e a pouca profundidade a respeito do termo é comum até mesmo no meio acadêmico. Corroborando com a premissa apresentada, Frédéric Godart (2010, p.9) aponta que a moda, para a mentalidade ingênua, é normalmente "[...] considerada superficial ou uma forma de manipulação social voltada a estimular o consumo de forma artificial". Em contrapartida, Malcolm Barnard (2003, p.38) argumenta que é inadequado classificá-la como irrelevante, pois ela reflete uma sociedade inserida em uma estrutura socioeconômica específica. Nas palavras do autor,

Talvez o argumento mais óbvio contra esse gênero de coisa seria dizer que a moda parece ser necessária ou inevitável, dada a organização social e econômica da maior parte do mundo. Seria praticamente uma façanha declarar que uma coisa inevitável, algo que parece decorrer da realidade socioeconômica, pudesse ser trivial. (BARNARD, 2003, p.38)

A etimologia do termo "moda" remonta ao latim *modus*, que pode ser traduzido como "modo" ou "maneira". Assim, ao abordar o conceito de moda, é fundamental destacar que ele transcende a indumentária, abrangendo um conjunto de costumes e práticas adotados por um indivíduo ou grupo social. Neste trabalho, alinhamos nossa visão à de autores como Godart (2010), que observa a complexidade do termo, especialmente devido à sua amplitude conceitual. O autor enfatiza a ambiguidade inerente à definição da moda, visto que ela pode ser interpretada sob diferentes prismas. Nas palavras de Godart, o termo “moda” pode ser definido

[...] como a indústria do vestuário e do luxo (à qual podemos acrescentar os cosméticos), em que múltiplos protagonistas, como profissionais e empresas, desenvolvem carreiras ou estratégias (Crane & Bovone, 2006; Djelic & Ainamo, 1999). Essa perspectiva também engloba as modas de consumo dos indivíduos, grupos ou classes sociais que utilizam os modos de vestir para definir sua identidade (Davis, 1992; Hebdige, 1979). Essa definição da moda considerada uma indústria ressalta amplamente a temática do “adorno” (Simmel et al, 1998), mas dela se distingue. O adorno inclui não somente as roupas, mas também os ornamentos associados a elas, como os acessórios, as jóias, as tatuagens ou a maquiagem. Desse modo, ele pode existir fora do âmbito da moda na qualidade de indústria. Em segundo lugar, a moda pode ser definida como um tipo de mudança social específica (Simmel, 1904; Tarde, 1890), regular e não cumulativa (Benvenuto, 2000) e que, além do vestuário, manifesta-se em múltiplos domínios da vida social. (GODART, 2010, p.10)

Nestas linhas, portanto, entende-se a moda como um conjunto de comportamentos, que englobam desde o vestuário, os acessórios e adornos, assim como a música, a arquitetura, a literatura, os esportes, a arte e toda uma série de hábitos temporários ou não. Em outras palavras,

A moda é um fenômeno que deveria ser central em nossas tentativas de compreender a nós mesmos em nossa situação histórica. Sua emergência como um fenômeno histórico tem uma característica essencial em comum com o modernismo: o rompimento com a tradição e um incessante esforço para alcançar “o novo”. (SVENDSEN, 2004, p.4)

Daniela Calanca (2011, p. 15), parafraseando Françoise Grenaille, infere que todo o universo deve prestar contas à moda, pois a moda é um símbolo que transmite os mais diversos significados, tal como repercute diferentes contextos e fases da sociedade em que se insere. Em outras palavras,

Desde que se tornou possível reconhecer a ordem típica da moda como sistema, com as suas metamorfoses e inflexões, a moda conquistou todas as esferas da vida social, influenciando comportamentos, gostos, ideias, artes, móveis, roupas, objetos e linguagem. Em outras palavras, desde que ela surgiu no Ocidente, no final da Idade Média, não tem um conteúdo específico. É um dispositivo social definido por uma

temporalidade muito breve e por mudanças rápidas, que envolvem diferentes setores da vida coletiva. (CALANCA, 2011, p.13)

Em vista do texto supra posto, assim como nas ideias de Daniela Calanca (2011), pode-se afirmar que a significação da moda pode ser apreendida como uma dicotomia temporal que reside em um espaço situado entre o presente e o passado, bem como entre a mobilidade e a imobilidade. Essa perspectiva sugere que a moda constitui um conteúdo estético que possibilita a manifestação por meio dos objetos - no caso deste trabalho, nos objetos que emprestam caráter simbólico à expressão Tucuju. Calanca (2011) ressalta ainda que os elementos que caracterizam a moda não possuem o mesmo valor quando analisados de forma isolada. Somente ao se conectarem a um conjunto de normas e regras coletivas é que esses elementos adquirem um significado mais profundo.

3. SUSTENTABILIDADE E MODA AMAZÔNICA

A sustentabilidade na moda representa, em certa medida, a urgente necessidade, indicada por Leff (2014), da emersão de uma racionalidade ambiental em detrimento de uma racionalidade exploradora, calcada no lucro e na espoliação do ser humano e da natureza. Nessa direção, por moda sustentável, quer-se indicar àquela ancorada em metodologias e processos de produção que não são prejudiciais ao meio ambiente. (SEBRAE, 2024). Nessa seara, essa racionalidade que ampara o conceito de moda sustentável, ao nosso ver, é aquela praticada por sujeitos conscientes, tanto no processo de produção quanto de aquisição de peças, das limitações dos recursos naturais do nosso planeta, assim como das explorações humanas feitas pela indústria predatória.

A discussão sobre a interseção entre sustentabilidade e moda é contemporânea e intrinsecamente relacionada à vida, revelando-se cada vez mais indispensável para a humanidade. Como destacado por Fletcher e Grose (2012), Fletcher (2014), Moore (2017) e Scarano (2019), essa temática vem sendo abordada em diversas esferas, mas ainda carece de uma definição estável. Isso implica a necessidade de incorporar uma variedade de histórias, narrativas, perspectivas e significados que atendam aos diferentes públicos e contextos. Somente dessa forma será possível fomentar a seriedade ecológica por meio de produções e ações individuais, acessíveis, além de políticas e iniciativas sociais que promovam a união e enfrentem os obstáculos existentes.

Em um mundo em crises climáticas, a Moda Amazônica - ou baseada nas premissas amazônicas - pode ganhar centralidade, especialmente aquela que reflete os costumes dos povos ribeirinhos, indígenas e negros - detentores de técnicas ancestrais de extrativismo sustentável e manutenção da vida na floresta. Nessa direção, as vestimentas confeccionadas artesanalmente exprimem projetos ancestrais, próprios para um país de clima tropical, assim como encontram em elementos renováveis e sustentáveis a matéria-prima para tanto, isto é, buscam em plantas como o tucumã, babaçu e açaí, elementos para confeccionar e ornamentar as peças.

Esse projetar moda dos povos tradicionais da Amazônia, distinta da “moda da Amazônia” alinhada aos interesses das grandes corporações, representa uma tentativa de ocupação de espaços, bem como trazer à tona as diversas histórias das pessoas que vivem, de fato e de direito, nesse ambiente. Em outras palavras, ao se falar de Moda Amazônica, busca-se refletir uma longa história de vida de povos indígenas, ribeirinhos e negros, com o propósito de honrar e não deixar que se torne inesquecível o cuidado com a floresta e com a cultura ancestral. Para a estilista indígena Witoto (2024) as peças produzidas nesse contexto “[...] tratam de uma linguagem que reivindica a ocupação de espaços, e sobretudo a contação da nossa história. Contar sobre nós também nos permite tirar nosso fim e essas peças refazem nossa história”.

Por fim, cabe apontar que se por um lado a Moda Amazônica apresenta a resistência e o cuidado dos povos originários com a floresta, por outro, conforme aponta Furtado (2019), a essa expressão da moda carrega em seu bojo a diversidade cultural, o enraizamento na cultura local, nos mitos da floresta, como a Iara, Tambatajá, o Boto, etc. assim como nas artes populares típicas da região.

4. O PROJETO E OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

O campo da moda, conforme destacado por Queiroz e Basso (2016), configura-se como um espaço de disputas tanto técnico-científicas quanto culturais. Isso se deve ao fato de que essa área se posiciona na interseção entre a vestimenta enquanto expressão cultural e valores sociais, e os elementos constituintes do projeto, especialmente quando relacionado ao campo do design.

Nesse contexto, parte-se da premissa de Löbach (2001, p.16), que afirma: “[...] o conceito de design compreende a concretização de uma ideia em forma de projetos ou

modelos, por meio da construção e configuração, resultando em um produto industrial passível de produção em série". Em outras palavras, o design de moda, enquanto área inserida no vasto campo do design, requer a elaboração de um projeto.

Em vista disso, o método utilizado para projetar a coleção foi estruturado, de forma iterativa, nos seguintes pontos: análise do problema⁴; geração de alternativas; avaliação das alternativas; realização da solução do problema. Na etapa inicial, para entender o problema apresentado, a equipe se dedicou a estudos teóricos, assim como a um processo de escuta com membros da sua comunidade, abordando os saberes ancestrais das culturas ribeirinha, negra e indígena do estado do Amapá.

Subsequentemente, partiu-se para o desenvolvimento de croquis e a experimentação de materiais locais, que atendiam aos requisitos de durabilidade, facilidade de manuseio, sustentabilidade e ancestralidade. Ao avaliar as alternativas propostas, optou-se por criar uma coleção que representasse o conjunto cultural e natural Tucuju, com base na dança do Marabaixo e nas técnicas ancestrais aprendidas ao longo do processo.

É importante destacar que, embora o processo metodológico de design proposto por Löbach seja centrado na técnica, a solução encontrada também levou em consideração a ideia de que "todo o processo de design é tanto um processo criativo quanto um processo de solução de problemas". (LÖBACH, 2001, p.141). Nesse sentido, enquanto designers envolvidas no projeto, buscamos, em nossas próprias trajetórias biográficas⁵, elementos que celebrassem a cultura local e representassem, na criação proposta, os valores Tucuju. Nesse processo, a criatividade — enquanto ontologia do ato humano de criar — assumiu um papel de mediação entre a solução apresentada a seguir e as etapas técnicas delineadas por Löbach.

4. 1 PREMISSAS À MODA TUCUJU E À COLEÇÃO MARABAIXO

O termo "tucuju", de origem tupi-guarani, significa "aquele que voa". Ele é formado pela junção dos vocábulos "y" (aquele que) e "tucum" (voar). Sua origem está relacionada aos povos indígenas que habitavam as regiões do Amapá, em localidades como Vitória do

⁴ O problema que fundamenta este trabalho pode ser apresentado da seguinte forma: Como criar uma coleção que reflita os valores Tucujus e destaque os elementos sustentáveis?

⁵ Esse procedimento metodológico complementa o proposto por Löbach e está ancorado no método autobiográfico. Em linhas gerais, o método autobiográfico pode ser entendido como uma abordagem de pesquisa que se baseia na reflexão e análise da experiência pessoal dos pesquisadores em suas diferentes dimensões. Para saber mais, sugere-se a leitura de: BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002

Jari e Macapá, e do Pará, em Gurupá. No entanto, o nome refere-se principalmente aos nascidos no estado do Amapá, em virtude dos povos Tucujus que viviam na margem esquerda da foz do rio Amazonas, onde hoje está localizada Macapá, a capital do estado. Nessa direção, Oliveira (2023, p12) infere que

[...] é possível compreender tal termo mediante três significados, a saber: (i) um povo indígena extinto da Amazônia Colonial que habitava a região compreendida entre o rio Vila Nova, no Amapá, e o rio Tueré, no Pará; (ii) termo toponímico referente a uma ilha no braço norte do Amazonas, que ora aparece nas fontes históricas como a ilha de Gurupá (PA), ora aparece identificada como a ilha de Santana (AP); (iii) palavra utilizada para se referir à identidade cultural do povo amapaense.

Cabe ressaltar que a moda Tucuju, conforme sugerimos nestas linhas, caracteriza-se pela incorporação de elementos que remetem à paisagem amazônica local, com o uso diversificado de cores, penas, biojóias, rendas, franjas, turbantes e saias longas, com destaque para a produção predominantemente artesanal. Não obstante, essa expressão estética intersecciona a cultura indígena e africana com a sustentabilidade própria do povo amapaense, se tornando não só parte fundamental da identidade e expressão da região, mas, também contribuindo para a economia local.

Em vista disso, é importante destacar que a coleção, a ser apresentada a seguir, rende, na origem de seu nome, uma homenagem à dança popular da região, a saber: o Marabaixo. O Marabaixo é uma manifestação cultural que se expressa por meio da dança e da música, praticada por comunidades afrodescendentes no estado do Amapá. Essa tradição reflete a resistência e a luta dos negros escravizados que, em condições precárias e violentas, eram trazidos para as terras amapaenses a bordo de navios negreiros. O termo Marabaixo teria surgido a partir da expressão "mar-a-abaixo", embora, conforme registros do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, existam outras teorias etimológicas. Alguns defendem que a palavra deriva de "morabit" ou "mourabut", significando "sacerdote dos vales", ou ainda de "marabut", designando "sacerdote dos malês Morabit". (IPHAN, 2024).

A dança conta com passos curtos, remetendo à dificuldade de locomoção nos navios. Os chamados "ladrões" são uma melodia poética que retrata o sofrimento de quem era escravizado, acontecimentos do dia a dia e as devoções da comunidade. Para as mulheres as vestimentas são coloridas, com muitas flores, rendas, saias rodadas e incluem uma toalha de

rosto para enxugar o suor durante a dança. Os homens geralmente usam calça branca, camisa florida e algumas vezes chapéu.

4.1.1 A Coleção Marabaixo: uma representação da expressão do povo Tucuju

As peças abaixo foram inspiradas, conforme já delineado anteriormente, na cultura do Marabaixo e no conceito de moda Tucuju, utilizando elementos da fauna e flora da região Norte do Brasil, especificamente do estado do Amapá. Deve-se destacar que todas as peças são confeccionadas utilizando técnicas de crochê e materiais biodegradáveis, como biojóias e escamas de peixe.

O primeiro conjunto se intitula “Maresia” e é a peça principal desta coleção. Esta, por sua vez, representa os peixes da Amazônia, em destaque o Tucunaré, que é um animal muito comum no Amapá. A saia do vestido é uma reprodução bastante literal do peixe, possuindo seu desenho e sua cor bem característicos. A parte de cima do vestido é constituída de escamas de peixe naturais e o que liga essas duas peças representa a rede de pesca utilizada pelos ribeirinhos. Acessórios como a toalha, pulseira e tornozeleira servem para deixar o conjunto da obra com uma cara ainda mais regional.

Figura 1 - conjunto Maresia



Fonte: das autoras (2024).

O próximo conjunto da coleção apresenta marcantes influências da cultura do Marabaixo, sendo inspirado nos tradicionais vestidos floridos usados pelas marabaixeiras

durante as danças. Além disso, incorpora detalhes e acessórios que remetem à cultura indígena, como franjas, biojóias e brincos que combinam flores e penas. O modelo também apresenta novamente pontos de crochê, que aludem às redes de pesca. Intitulado "Açucena", o conjunto recebe esse nome em referência à famosa canção de Marabaixo, "Rosa Branca Açucena". A seguir se apresenta o conjunto:

Figura 2 - Conjunto Açucena



Fonte: das autoras (2024).

Por fim, o terceiro e último trabalho apresenta peças masculinas, também inspiradas na roupa tradicional dos dançarinos do Marabaixo. Para as peças masculinas, buscou-se referência na lenda do Boto cor de Rosa, com sua camisa aberta e seu charme. A ideia é que tal peça possa fazer par com o conjunto Açucena. Além das flores, biojóias e franjas, este trabalho traz detalhes com a bandeira do Amapá e da cultura ribeirinha. Seu título é “Araguari” que faz referência a um dos principais rios que banham o estado do Amapá.

Figura 3 - conjunto Araguari



Fonte: das autoras (2024).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas linhas tiveram como objetivo apresentar a coleção Marabaixo, que, além de homenagear a cultura Tucuju, reflete os princípios da moda sustentável ao incorporar práticas e materiais ecologicamente corretos. A partir de uma abordagem que intersecciona moda, cultura e sustentabilidade, foi possível demonstrar como o design de moda pode ser um instrumento de valorização das tradições locais, preservando a identidade cultural do Amapá ao mesmo tempo em que promove uma conscientização ambiental.

A coleção Marabaixo reafirma a importância de resgatar e representar, por meio da moda, os saberes ancestrais dos povos indígenas e afrodescendentes, que carregam uma herança cultural e ecológica inestimável. A utilização de materiais biodegradáveis e o emprego de técnicas artesanais, associados a referências simbólicas da fauna e flora amazônicas, reforçam o papel da moda não apenas como expressão estética, mas como um vetor de resistência cultural e de práticas sustentáveis.

Diante das crises ambientais e culturais que marcam o cenário contemporâneo, a moda sustentável, sobretudo aquela enraizada em tradições como a Tucuju, se destaca como uma alternativa viável e necessária. Através da criação de peças que dialogam com a memória e a sustentabilidade, buscou-se neste texto contribuir para a reflexão acerca do impacto da moda na preservação de identidades culturais e na promoção de práticas de consumo mais conscientes e responsáveis.

REFERÊNCIAS

BARNARD, Malcolm. **Moda e Comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

CALANCA, Daniela. **História Social da Moda**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

FLETCHER, Kate. **Sustainable fashion and textiles: design journeys**. Sterling, VA: Earthscan, 2014.

FLETCHER, Kate; GROSE, Lynda. **Fashion and Sustainability: Design for Change Paperback**. Laurence King, 2012.

FURTADO, Bruno Sousa. **Styling de moda na Amazônia: uma análise cultural das imagens criadas por Stylist em Belém do Pará**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Têxtil e Moda. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

GODART, Frédéric. **Sociologia da Moda**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

IPHAN. **Dossiê de Registro Marabaixo**. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARABAIXO.pdf. Acesso em 20 de set. 2024.

LEFF, Enrique. **Ecologia, Capital e Cultura: a territorialização da racionalidade ambiental**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

LÖBACH, B. **Design Industrial: bases para a configuração dos produtos industriais**. São Paulo: Blucher, 2001.

MOORE, Henrietta L. **What can sustainability do for anthropology? In The Anthropology of Sustainability: Beyond Development and Progress**. London: Palgrave Macmillan, 2017.

OLIVEIRA, Wesley Vaz. **CULTURA E MERCADO NO RAP TUCUJU: uma análise da Máfia Nortista e Nós pur Nós Rec**. Dissertação. 138 f. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2023.

QUEIROZ, Cyntia Tavares Marques; BASSO, Aline Teresinha. **Moda e metodologia: o design como medidor**. In: ModaPalavra E-periódico, Ano 9, n.17, jan-jun, 2016. ISSN 1982-615x.

SCARANO, Fabio. **Regenerantes de Gaia**. Rio de Janeiro: Dantes, 2019.

SEBRAE. **O que é moda sustentável**. Disponível em: <https://encurtador.com.br/VZh0S>. Acesso em 28 de set. 2024.

SVENDSEN, Lars. **Moda: Uma Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

WITOTO, Vanda. **Estilistas indígenas conquistam espaço na moda**. In: Amazônia real. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/moda-indigena-da-amazonia/>. Acesso: 20 de set 2024.